



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DE RECIFE

GLENDALTA DE ALMEIDA
KÉSIA WILDS SANTOS OLIVEIRA
VIVIANE DE BONA

AS CRIANÇAS NO TIKTOK: uma análise sobre a exposição infantil na rede social

RECIFE

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DE RECIFE
PEDAGOGIA

GLENDAL MALTA DE ALMEIDA
KÉSIA WILDS SANTOS OLIVEIRA
VIVIANE DE BONA

AS CRIANÇAS NO TIKTOK: uma análise sobre a exposição infantil na rede social

TCC apresentado ao Curso de Pernambuco da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico de Recife, como requisito para a obtenção do título de graduação em Pedagogia.

Orientador(a): Profa. Dra. Viviane de Bona

RECIFE
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Almeida, Glenda.

As crianças no Tiktok: uma análise sobre a exposição infantil na rede social /
Glenda Almeida, Késia Santos. - Recife, 2023.
35 p. : il.

Orientador(a): Viviane De Bona

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Educação, Pedagogia - Licenciatura, 2023.

1. Infâncias. 2. Vulnerabilidade digital. 3. TikTok. I. Santos, Késia. II. De
Bona, Viviane. (Orientação). III. Título.

370 CDD (22.ed.)

GLENDALMALTA DE ALMEIDA
KÉSIA WILDS SANTOS OLIVEIRA
VIVIANE DE BONA

AS CRIANÇAS NO TIKTOK: uma análise sobre a exposição infantil na rede social

TCC apresentado ao Curso de Pernambuco da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico de Recife, como requisito para a obtenção do título de graduação em Pedagogia.

Aprovado em: 15/09/2023.

BANCA EXAMINADORA

Profº. Dra. Viviane de Bona
Universidade Federal de Pernambuco

Profº. Dra. Gilda Guimarães
Universidade Federal de Pernambuco

Profº. Dra. Thais Oliveira de Lima
Universidade Federal de Campina Grande

RESUMO

Este estudo tem o objetivo de analisar a exposição da criança na plataforma Tik Tok em busca de identificar que tipo de conteúdo é publicado e quais os desafios que se impõem a partir de uma exposição que demarca o tratamento oferecido à criança. Por meio de uma análise de conteúdo das postagens no Tik Tok, a partir do critério de tempo e por hashtags específicas, foram selecionados 47 vídeos. Essas publicações foram classificadas em sete categorias que permitiram a criação de gráficos com rankings para identificar as mais populares e os perfis de publicação. Por fim, os comentários foram analisados para entender a percepção dos usuários sobre a criança. Os dados coletados revelaram a vulnerabilidade das crianças quando expostas nas redes, enfatizando a influência da mídia sobre suas expectativas e comportamentos, com impacto significativo no seu desenvolvimento social e emocional. Apesar das diretrizes do TikTok para proteger as crianças, o estudo identifica preocupações quanto à exposição excessiva e ao conteúdo postado, ressaltando a responsabilidade compartilhada de plataformas, cuidadores e usuários em garantir a segurança e privacidade online, bem como o resguardo dos direitos das crianças enquanto seres que devem ser protegidos e respeitados. Os resultados instigam um esforço coletivo para assegurar um ambiente online enriquecedor e respeitoso para com as crianças.

Palavras-chave: Infâncias, Vulnerabilidade digital, TikTok.

ABSTRACT

This study aims to analyze the child's exposure on the Tik Tok platform in order to identify what type of content is published and what challenges arise from an exposure that demarcates the treatment offered to the child. Through a content analysis of posts on Tik Tok, based on time criteria and specific hashtags, 47 videos were selected. These publications were classified into seven categories that allowed the creation of graphs with rankings to identify the most popular ones and publication profiles. Finally, the comments were analyzed to understand users' perception of the child. The data collected revealed the vulnerability of children when exposed online, emphasizing the influence of the media on their expectations and behaviors, with a significant impact on their social and emotional development. Despite TikTok's guidelines to protect children, the study identifies concerns about excessive exposure and content posted, highlighting the shared responsibility of platforms, caregivers and users to ensure safety and privacy online, as well as protecting children's rights while beings that must be protected and respected. The results instigate a collective effort to ensure an enriching and respectful online environment for children.

Keywords: Childhoods, Digital vulnerability, TikTok.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
METODOLOGIA	14
RESULTADOS	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	31

1 INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, mediante uma expressiva cultura digital, é cada vez mais comum observarmos crianças utilizando artefatos tecnológicos para diferentes fins, uma vez que os dispositivos possibilitam acesso a conteúdos, além de proporcionar uma participação ativa na criação de vídeos em diversas plataformas, inclusive voltados ao entretenimento. Junto a isso, as noções de infâncias vivenciadas em variados contextos adquire distintos significados. Por exemplo, com o surgimento da televisão, advento considerado a 'virada de chave' da revolução tecnológica para Postman (1999), a família passou a deixar de ter o papel principal de comunicação, pois os meios de comunicação de massa também assumiram essa responsabilidade (Levin, 2007). Este fenômeno se intensificou com o advento da internet e das redes sociais, que têm desempenhado um papel cada vez mais proeminente na socialização das crianças.

Nesse âmbito das relações complexas da sociedade, a infância foi e é enxergada por diferentes aspectos; de historicamente negligenciada até dispor de visibilidade na esfera social e legal. Por sua vez, as crianças passaram a ser compreendidas como sujeitos com direitos e responsabilidades, que possuem um lugar na sociedade e podem falar sobre os seus anseios, tristezas, receios e opiniões, influenciando também nas decisões familiares (Ravasio; Fuhr, 2013).

A partir de 1990, dois anos depois da promulgação da Constituição da República, foi elaborado o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). O ECA foi criado visando amparar e salvaguardar os direitos de crianças e adolescentes, elevando-os de simples 'entidades' para autênticos detentores de direitos. Com isso, surgem prerrogativas específicas para a população jovem, como a valorização da dignidade humana, atribuindo a obrigação conjunta da família, sociedade e Estado em proteger os direitos dos mais jovens. Assim, segundo Martins (2009), a criança deixa de ser uma mera figura no âmbito jurídico para um ser de direitos, com garantias e vantagens que, até então, eram reservadas somente aos adultos.

Nessa direção, defendemos que as experiências direcionadas para e com as crianças devem favorecer múltiplas possibilidades que abarquem o autoconhecimento, o conhecimento de mundo (físico e social) e, ainda, possam expandir a criatividade. Há que se reconhecer as singularidades das crianças, compreendendo que nos primeiros anos de vida há condições particulares de

pensamento e desenvolvimento infantil que, em interação com as distintas experiências sociais, relacionais, tecnológicas, estéticas e afetivas da vida de cada sujeito, constroem as diferentes infâncias que (co)existem no mundo e marcam as pessoas por toda a sua existência.

No que diz respeito ao uso e acesso às tecnologias por crianças no Brasil, essa temática tem sido estudada, e há órgãos que fornecem dados relevantes sobre o assunto. Os resultados da pesquisa TIC KIDS Online Brasil, realizada frequentemente pelo CETIC (Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação), é um exemplo disso. Segundo essa pesquisa, em 2022, 97% das crianças e adolescentes tinham acesso à internet em suas residências. Isso representa um aumento significativo em relação a 2021, quando essa proporção era de 91%. Além disso, dos 97% mencionados anteriormente, 86% possuem pelo menos um perfil ativo em alguma rede social.

Uma rede social é um ambiente digital organizado por meio de interfaces com a finalidade de agregar perfis de usuários com as mesmas características, afinidades, gostos, conceitos, crenças, opiniões semelhantes, expressões semelhantes ou interesses em temas comuns (Musso, 2015). É nesse contexto que se insere o TikTok, uma das redes sociais mais populares atualmente, que também tem sido alvo de pesquisas por instituições como o CETIC, visto que foi apontado como uma rede capaz de possibilitar que o público mais jovem crie e consuma conteúdo de maneira ágil e diversificada, tornando-se uma tendência cada vez mais presente no uso dessas plataformas.

CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE O SITE DE REDE SOCIAL TIKTOK

O TikTok é uma plataforma que se destaca como objeto central do nosso campo de estudo. Criado em 2016 pela empresa chinesa ByteDance, o aplicativo é atualmente o mais baixado nas lojas de aplicativos digitais e está entre as dez redes sociais mais acessadas do mundo, com mais de 1 bilhão de downloads. Desde sua introdução no Brasil, em meados de 2019, o TikTok tem se destacado pela capacidade de atingir uma audiência estratégica: crianças e jovens conectados que frequentemente consomem ou produzem vídeos de humor, dublagens de músicas, filmes e séries. A partir desse crescente acesso, questionamos como as crianças são expostas na plataforma TikTok e nas postagens que circulam, e quais são as

possíveis implicações e desafios para a proteção da infância na era digital? Justifica-se a produção da presente pesquisa em função da relevância de uma abrangente apuração dos efeitos e implicações da exposição infantil nessa plataforma social, a fim de inferir uma abordagem mais responsável e segura para o envolvimento de crianças nas redes sociais.

Portanto, tivemos como objetivo analisar a exposição da criança na plataforma TikTok, em busca de identificar que tipo de conteúdo é publicado e quais os desafios que se impõem a partir de uma exposição que demarca o tratamento oferecido à criança pela sociedade, em especial por seus responsáveis. Para alcançar tal objetivo, realizamos uma Etnografia Virtual das postagens na plataforma Tik Tok, que seguiu etapas para coleta e análise dos dados de forma simultânea. Foram definidos critérios de tempo e hashtags específicas para a seleção das postagens. Realizamos a extração de informações detalhadas das publicações, a fim de registrá-las e posteriormente categorizá-las. Nos atentamos também aos comentários feitos nessas postagens pelo público que consome e compartilha tais vídeos. Esses elementos possibilitaram a identificação dos principais tipos de conteúdo publicados no TikTok, relacionados às crianças da faixa etária entre um e oito anos e possíveis sentidos atribuídos às crianças na sociedade.

2 TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS E TECNOLÓGICAS NA CONCEPÇÃO E VIVÊNCIA DAS INFÂNCIAS CONTEMPORÂNEAS

As alterações sociais contínuas têm impactado significativamente em torno de como a infância é vivenciada e compreendida. Com o avanço tecnológico, grande parte das crianças dispõem de um livre acesso ao mundo da mídia digital, alcançando uma quantidade exacerbada de informações e influências que alteram a sua interação com o meio em que vivem. De acordo com Isabel Orofino (2012), as transformações históricas que afetam as concepções conceituais das infâncias na sociedade contemporânea envolvem não apenas fatores como variações climáticas, internacionalização da economia, identidades coletivas e sociais e desenvolvimentos na mídia, mas também mudanças nas estruturas familiares, avanços tecnológicos e científicos, entre outros. Essas mudanças contínuas na sociedade podem afetar a forma como a infância é compreendida e vivenciada, tornando necessário um olhar crítico e reflexivo sobre as concepções e práticas relacionadas à infância.

Assim, a infância é uma criação da sociedade sujeita a mudar sempre que surgem transformações sociais mais amplas. O apogeu da infância tradicional durou aproximadamente de 1850 a 1950. Durante este período, protegidas dos perigos do mundo adulto, as crianças foram retiradas das fábricas e colocadas em escolas. À medida que o protótipo da família moderna se desenvolveu no final do século XIX, o comportamento apropriado dos pais para com os filhos se consolidou em torno de noções de carinho e responsabilidade do adulto para com o bem-estar das crianças. (Steinberg; Kincheloe, 2001, p. 12).

Corroborando com a citação acima, a autora Renata Tomaz (2019) traz que a concepção de infância se transformou ao longo do tempo, trazendo a discussão de não somente uma infância, mas sim, infâncias. Na modernidade, a infância era vista como uma fase voltada para a formação de um indivíduo apto a contribuir para a sociedade. Porém, atualmente, a percepção de infância é diferente, considerando-a um período para o desenvolvimento pessoal da criança, em que ela tem o direito de ser criança antes de se tornar um adulto produtivo, embora continue sendo uma fase de preparação.

Além das mudanças na estrutura familiar e do aumento do poder de decisão econômica das crianças, como apontado por Sarmento (2004), existem outras transformações que influenciam a infância na sociedade atual. Dentre elas, podemos citar o aumento do acesso à informação e a tecnologia, a diversidade cultural e a multiplicidade de identidades de gênero e sexualidade. Tomaz (2019) discute um pouco sobre esses fatores e os três motivos fundamentais apontados por ela para essa mudança de perspectiva são:

Em primeiro lugar, o alastramento das crianças nas redes sociais permite sua presença pública no espaço da internet sem que para isso precise deixar a intimidade do seu lar. Em segundo lugar, o acesso delas às mídias digitais e tecnologias oferece diferentes modos de atender à urgência de constituir-se no mundo por meio de um projeto visível de subjetividade. E, por fim, ao revelarem suas vivências e experiências através dos vídeos, as crianças fazem chegar à esfera pública temáticas do seu cotidiano, as quais conferem importância. (Tomaz, 2019, p. 16-17).

Esses fatores contribuem para a complexidade das relações sociais e familiares, bem como para a ampliação do espectro de experiências da infância. Desta forma, fica perceptível que a mudança no que se entende por infância se associa a como as interações sociais e a formação de nossos valores e crenças numa determinada sociedade são influenciados por fatores econômicos, históricos e culturais. No entanto, pressupõe-se que tais valores e ideologias partilhadas de um determinado grupo social, também são influenciadas pelas informações que chegam

por meio das mídias sociais, sejam elas notícias com embasamento de cunho científico ou não. Assim, essa noção de infância construída socialmente percorre num sentido onde as relações sociais acabam desempenhando um papel ativo na criança como ser social.

As tecnologias digitais são uma realidade presente em nossos dias e o uso dessas mídias vem se tornando cada vez mais comum a cada ano e estão cada vez mais presentes na vida das crianças na contemporaneidade (Lima; Santos; Covaleski, 2020), seja por meio de brinquedos robóticos, tablets ou outras ferramentas. Nesse contexto, as crianças estão se tornando cada vez mais inseridas no universo digital, visto que estão expostas a diversas mídias desde cedo, incluindo televisão, videogames, computadores, internet e outros recursos eletrônicos, conforme destacado por Marangon (2011).

De acordo com um estudo realizado pela UNICEF (2017) sobre a infância no contexto digital, uma em cada três pessoas que usam a internet em todo o mundo é uma criança. Essas crianças são consideradas "nativas digitais" (Prensky, 2001), ou seja, uma geração que cresceu cercada de tecnologias Digitais de Informação e Comunicação, as TIDCs, smartphones, dispositivos e mensagens instantâneas, o que alterou diariamente a maneira de viver e ser criança, visto que “não há como pensar na infância contemporânea sem pensar nos múltiplos fragmentos culturais que a constituem” (Petersen; Schimidt, 2014, p. 39).

De acordo com Buckingham (2007), entender as mídias não se resume apenas ao que se passa na mente das crianças, mas é essencialmente um fenômeno social. O autor acredita que as tecnologias digitais proporcionam formas interativas de comunicação e as crianças estão cada vez mais imersas nesse universo desde cedo. Elas interagem constantemente nesse meio tecnológico e se envolvem com as novas possibilidades oferecidas pelas mídias digitais.

De um lado estão aqueles que argumentam que há um crescente abismo de gerações no uso das mídias [...]. Longe de apagar as fronteiras, as mídias são vistas aí como responsáveis por um fortalecimento delas [...], uma vez que a habilidade das crianças com as tecnologias lhe oferece acesso a novas formas de cultura e comunicação que em grande parte escapam ao controle dos pais” (Buckingham, 2007, p. 18).

O papel das tecnologias e mídias digitais na exposição das crianças ao mundo é significativo, permitindo que elas sejam notadas, ouvidas e participem de discussões, podendo até mesmo influenciar as tendências. O compartilhamento da

rotina e do cotidiano das crianças nas redes sociais pode levá-las a alcançar a fama, uma vez que a mídia exerce um papel crucial na sociedade (Lima; Santos; Covaleski, 2020).

As redes sociais online transformaram completamente as formas como as pessoas se comunicam e compartilham informações no espaço virtual, modificando as interações sociais tanto dentro quanto fora desse ambiente digital (Recuero, 2009). O aplicativo TikTok é atualmente uma das redes sociais mais populares do mundo, e foi desenvolvido para que os usuários possam criar, editar e compartilhar vídeos curtos com uma variedade de temas, incluindo comédia, exercícios físicos, dança, receitas, tutoriais de maquiagem, música, entre outros. A ferramenta de edição oferecida pelo aplicativo permite que os usuários desenvolvam sua criatividade e criem vídeos facilmente usando seus smartphones. No Brasil, a pesquisa TIC KIDS revelou que em 2022 o TikTok foi uma das principais redes sociais utilizadas por crianças e adolescentes, ficando em empate com a outra rede social, o Instagram, com 35% cada. O país é o segundo maior consumidor da plataforma TikTok, ficando atrás apenas da China, criadora dela.

No entanto, é importante ressaltar que a exposição excessiva nas redes sociais pode trazer alguns riscos, como a exposição de informações pessoais e a vulnerabilidade a ciberataques. Além disso, o uso exagerado pode ter efeitos negativos na saúde mental das pessoas. Essas redes sociais, como o TikTok, o Instagram e Facebook, por exemplo, também podem distorcer a visão da realidade das crianças, criando padrões estéticos, comportamentais e de consumo. Esse excesso de exposição pode ser prejudicial, especialmente para um público jovem e imaturo que ainda não possui uma compreensão crítica de tais questões (Contrera; Schiavo, 2017).

Para esses sujeitos, é essencial compreender como e quando usar essas tecnologias, bem como saber onde se encontram os limites entre o virtual e o real. Alguns autores têm proposto categorias para descrever as características desses sujeitos, como "infância multimídia", "cyber-infância", "millennials", "prosumidores" e "infância virtual" (Dornelles 2005, Levin 2007, Kelly 2011). Embora haja diferenças entre essas propostas, todas elas evidenciam uma nova compreensão de infância e juventude fortemente relacionada com tecnologias digitais. No entanto, é importante

notar que o uso dessas tecnologias não é uma realidade para todas as crianças brasileiras, mesmo dentro dos contextos urbanos.

A falta de medidas de proteção nas redes sociais digitais representa um grande desafio para a sociedade na totalidade, exigindo a responsabilidade conjunta de empresas, famílias e instituições em garantir a proteção integral desse público vulnerável. Além disso, a crescente presença da tecnologia na vida das crianças revisita questões relacionadas ao uso excessivo e descontrolado de dispositivos digitais, como a dependência tecnológica, a falta de contato com a natureza e com outras formas de lazer e sociabilidade, e a exposição a conteúdos impróprios e prejudiciais.

A proteção infantil nas redes sociais ainda é limitada e apresenta desafios para os sujeitos responsáveis pela proteção abrangente desse público, conforme afirmado por Lima, Santos e Covaleski (2020). Em suma, ser criança na era digital pode ser desafiador, mas com a orientação adequada, as crianças podem aproveitar as oportunidades positivas da tecnologia enquanto navegam pelas redes sociais. Pois as crianças também devem ter o direito à privacidade e ao respeito em sua presença online. Desta forma, é de grande importância que os pais e cuidadores considerem a permissão da criança antes de postar fotos ou informações sobre elas nas redes sociais e respeitar suas escolhas e limites em relação à tecnologia.

É importante salientar, que a proteção e a representação adequadas das crianças na plataforma do TikTok exigem uma abordagem contínua e colaborativa. “[...] As crianças não são adultos, portanto não podem ter acesso às coisas que os adultos definem como “suas” e que acredita ser os únicos capazes de compreender e controlar” (Buckingham, 2007, p.29). Pois, algumas das preocupações mais comuns incluem a exposição a conteúdos inapropriados, o cyberbullying, a exploração sexual online, além do vício em tecnologia e a interferência nas interações pessoais das crianças. Como a manifestação jurídica sobre a concepção de criança como indivíduos de direito se deu na Constituição Federal de 1988 - CF 88 e foi normatizada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, torna-se notória a garantia da necessidade que as mídias sociais adotem medidas para proteger a privacidade e a segurança das crianças em suas plataformas, bem como para fornecer informações claras e adequadas sobre o uso seguro e saudável das mídias sociais para as próprias crianças.

A fase da primeira infância é crucial, pois é a base para todo o desenvolvimento futuro da criança. É importante educá-las desde cedo sobre o uso adequado das tecnologias, acompanhando seu desenvolvimento e incentivando uma visão crítica e inteligente. No entanto, isso tem se mostrado um grande desafio, especialmente considerando o papel das crianças na sociedade atual e o impacto das Tecnologias Digitais. A compreensão da infância como uma construção social, conforme nos orientou Ariès (2006), torna essa tarefa complexa, exigindo múltiplas perspectivas sobre o tema. Uma vez que, tal compreensão das infâncias como uma formação social, certifica que o conceito de infância e as normas a ele associadas não são universais, mas sim moldadas pelas condições históricas e pelos resultados das interações culturais e sociais a longo prazo.

3 METODOLOGIA

Para atender os propósitos desta investigação a fim de compreender a exposição da criança no TikTok, assim como nas postagens realizadas nessa plataforma, desenvolvemos uma investigação de caráter quali-quantitativo. De acordo com Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa adota uma perspectiva interpretativa em relação à realidade, onde os investigadores analisam os elementos em seus contextos naturais, buscando compreender os fenômenos por meio dos significados atribuídos pelas pessoas a eles. Já a quantitativa é uma abordagem de pesquisa social que emprega a quantificação para coletar e analisar informações por meio de técnicas estatísticas, como porcentagem, média, desvio-padrão, coeficiente de correlação, análise de regressão e outras ferramentas semelhantes (Michel, 2005).

A componente quantitativa deste estudo é baseada na análise dos objetos identificados diretamente na plataforma TikTok, visando examinar o volume global de interações que cada postagem acumula. Deste modo, utilizamos esses dados para acessar as perspectivas sobre a representação infantil na plataforma e a percepção dos demais usuários sobre ela. Isso nos conduz à dimensão qualitativa da investigação, realizada por meio da análise do conteúdo da plataforma digital. Nesta dimensão, buscamos compreender mais profundamente os comportamentos e atitudes retratados nos vídeos, fazendo inferências sobre as mensagens subjacentes e como as crianças são apresentadas. Esse método nos permite captar

nuances e contextos que os simples números não revelam, oferecendo uma visão mais holística e interpretativa do conteúdo e das interações na plataforma. Sendo assim, seguimos a avaliação do material obtido conforme as etapas definidas por Bardin (2011): pré-análise; exploração do material e tratamento dos resultados.

Neste estudo, o foco das postagens escolhidas foi em crianças de 1 a 8 anos, abrangendo diversas realidades sociais, gêneros e raças. Foram analisados 47 vídeos do TikTok selecionados com base no tempo de publicação, quantidade de interações e conteúdo apresentado. A análise centrou-se em como as crianças são retratadas na plataforma, dando prioridade aos vídeos onde elas são o destaque, seja dançando, compartilhando seu cotidiano ou sendo alvo de anedotas inapropriadas. A coleta e análise dos dados foi conduzida em cinco etapas distintas, conforme mostrado no diagrama e nas descrições da figura 1.

Figura 1 - Esquema ilustrativo das etapas da pesquisa



Fonte: as autoras (2023).

Na etapa seleção das publicações, foram selecionadas postagens através da busca por *hashtags* específicas, tais como: #criançasintok, #tiktokinfantil, #viralinfantil e #viralcrianças. Separamos as postagens no período delimitado de seis

meses de publicações, contando da data de busca entre janeiro a julho de 2023 , através do filtro “Mais relevantes” presente na plataforma. Com essas *hashtags* foi possível delimitar o escopo da pesquisa e identificar publicações relevantes em número de curtidas e compartilhamentos, relacionadas às crianças na plataforma. Ao total, foram selecionados 47 vídeos para a análise.

Durante a etapa de "Etnografia Virtual", observamos diretamente os vídeos selecionados e fizemos anotações detalhadas sobre as informações neles contidas. Uma planilha Google foi criada a fim de registrar informações como “Hashtag de pesquisa”, “Título da postagem”, “Descrição da publicação”, ou seja, alguma frase ou texto associada a postagem, “Data de publicação” que estava dentro do período de seis meses, “Perfil de publicação”, categorizando se eram pais, crianças ou perfil sem ligação que fazia essas postagens, “Categoria do vídeo” definida pelas autoras a partir da percepção dos vídeos selecionados, “Viral”, a qual categorizamos se o vídeo havia batido uma quantidade grande de visualizações e compartilhamentos, tornando-o comentado por todos, “Quantidade de curtidas”, “Quantidade de comentários”, “Quantidade de compartilhamento” e “Principais comentários”. Essa abordagem possibilitou a obtenção de informações relevantes sobre a popularidade e interações das publicações, além de contribuir na análise desses dados

Na etapa de categorização das publicações, as postagens selecionadas foram categorizadas em diferentes tipos, a partir da percepção enquanto pesquisadoras e usuários da plataforma. Ou seja, essa categorização foi realizada com base em uma análise visual das postagens, assim como nas palavras-chave utilizadas pelos usuários nas descrições ou comentários, permitindo uma melhor compreensão dos temas abordados. Delimitamos as seguintes categorias: “Dança”, representando os vídeos que possuíam alguma coreografia feita pela criança, “Meme”, para os vídeos que possuísem algum tom de comédia ou humor, “Tutorial”, seguindo a lógica de um vídeo explicativo ou que trazia algum ensinamento de como fazer determinada ação ou objeto, “Desafio”, para aqueles que trouxessem um caráter de jogos, competição ou na tentativa de alcançar algum objetivo proposto na internet, “Dublagem”, referente a vídeos que as crianças estariam narrando alguma cena a partir de um áudio previamente gravado por outra pessoa, “Conscientização”, para vídeos que tivessem alguma reflexão ou conscientização principalmente sobre

a exposição na mídia, e “Cotidiano”, referente a vídeos que mostrassem alguma parte do dia em que a criança estivesse participando.

Na etapa denominada ranking das categorias, a partir das categorias pré-definidas e seleção das postagens com os respectivos dados, realizamos um ranking contendo gráficos a respeito das categorias populares no TikTok, perfis de publicação e hashtags mais utilizadas, comparando a quantidade de postagens em cada uma delas, podendo assim, identificar quais tipos de conteúdo relacionados às crianças são mais disseminados e populares na plataforma.

Por fim, na análise dos comentários, além da seleção e extração dos dados presentes nas publicações, realizamos também uma extração dos comentários deixados pelos usuários nas postagens selecionadas, submetendo a uma análise minuciosa dos mais relevantes. Sendo assim, conseguimos verificar a percepção dos usuários em relação à presença e à representação das crianças na plataforma do TikTok, proporcionando *insights* importantes sobre as opiniões e sentimentos da comunidade em relação ao tema.

Todos os procedimentos metodológicos adotados durante a pesquisa foram devidamente documentados de forma clara e detalhada. Além disso, foi assegurado o cumprimento rigoroso das normas éticas no decorrer da pesquisa, preservando a privacidade e os direitos autorais dos usuários do TikTok envolvidos no estudo.

4 RESULTADOS

Apresentamos os achados de nossa pesquisa sobre a presença das crianças na plataforma TikTok, focando na influência tecnológica e sua relação com a exposição excessiva. Os dados coletados evidenciam o impacto significativo que esta rede social tem sobre o desenvolvimento social e emocional das crianças.

A vulnerabilidade das crianças é acentuada quando expostas frequentemente nas redes, recebendo feedbacks, muitas vezes, baseados em suas aparências ou comportamentos. Esta exposição coloca-as em uma posição delicada no universo online, dada a influência marcante da mídia sobre suas expectativas e comportamentos. Como mostrado na imagem abaixo (figura 2), temos 03 dos mais de 29 mil comentários realizados em uma postagem com uma criança que está dançando uma música de funk, chamada “Pique, Piquezin X Cintura Ignorante”, muito utilizada em diversos vídeos da plataforma. A publicação teve mais de 1

milhão de curtidas e apesar de não parecerem comentários maldosos, ainda assim demonstram uma expectativa ao ver a criança dançando, elogiando sobre como ela dança melhor que as próprias pessoas do comentário, além de um comentário com uma visão de utilizar a criança como forma dos pais conseguirem lucrar em cima do “talento” dela:

Figura 2 - Vídeo publicado contendo uma criança dançando e comentários a respeito dessa publicação na plataforma.



Fonte: retirado do Tik Tok (2023).

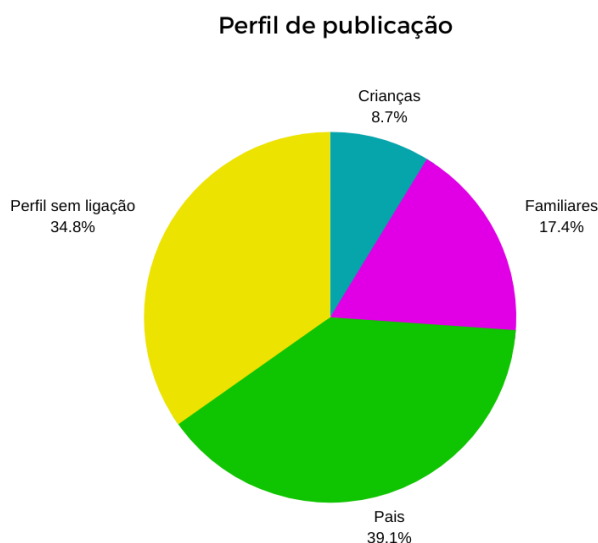
Segundo Araújo (2016), em um contexto social fluido, onde as estruturas são instáveis e tudo parece ser aceitável, os direitos inerentes à infância são frequentemente desrespeitados. A excessiva exposição de crianças, especialmente quando envolvem atos de conotação erótica ou a interpretação de músicas de conteúdo sexual, coloca em risco a integridade desses indivíduos. Ao serem submetidas a tais situações, todas as crianças envolvidas nesse "show" tornam-se suscetíveis a profundos danos emocionais e morais. Isso pode levar a uma maturação sexual antecipada, comprometendo sua saúde mental e bem-estar. Logo, é crucial atentar-se às transformações tecnológicas, uma vez que esta se encontra em constante evolução com a capacidade de afetar diretamente as crianças e a percepção que se tem delas.

É imperativo reconhecer a rapidez com que a tecnologia evolui e seu potencial impacto direto sobre as crianças e a imagem que a sociedade constrói

delas. O TikTok, como uma das principais plataformas de mídia social, estabelece diretrizes para proteger as crianças e gerenciar conteúdos reportados. No entanto, há momentos em que essas medidas podem não ser suficientes para evitar a disseminação de conteúdos nocivos. A plataforma toma ações corretivas, como remover conteúdos ofensivos ou suspender contas, e, em situações extremas, reportar às autoridades.

Além de tudo isso, o TikTok tenta também restringir o acesso de crianças a conteúdos prejudiciais, estabelecendo, por exemplo, uma idade mínima para a criação de contas. No entanto, apesar das diretrizes do TikTok não permitirem que crianças abaixo de 13 anos criem contas, ainda identificamos, a partir dos 47 vídeos coletados pelas *hashtags*, uma porcentagem de 8,4% de perfis pertencentes a crianças na plataforma que postam assiduamente vídeos de diversas categorias e expõem abertamente seus rostos. Sendo assim, ressaltamos a importância do papel dos pais ou responsáveis no monitoramento das atividades online de seus filhos, pois a segurança das crianças na web é uma responsabilidade conjunta entre plataformas, cuidadores e os próprios usuários. É crucial destacar que há indivíduos que deliberadamente acessam a internet com o propósito de localizar crianças vulneráveis e expostas, visando vitimá-las (Araújo, 2016). Estes predadores online utilizam de diversas estratégias e ferramentas para se aproximar e manipular suas vítimas, explorando a ingenuidade e a curiosidade natural dos jovens. A crescente digitalização da sociedade e a facilidade de acesso à internet por crianças ampliam os riscos e desafios na proteção deste público. Contudo, é alarmante notar que, dessa quantidade de vídeos que analisamos, quase 40% são postados por essas figuras parentais, além dos 17% de familiares dessas crianças, conforme mostrado no gráfico 1.

Gráfico 1 - perfis de publicações dos vídeos no TikTok



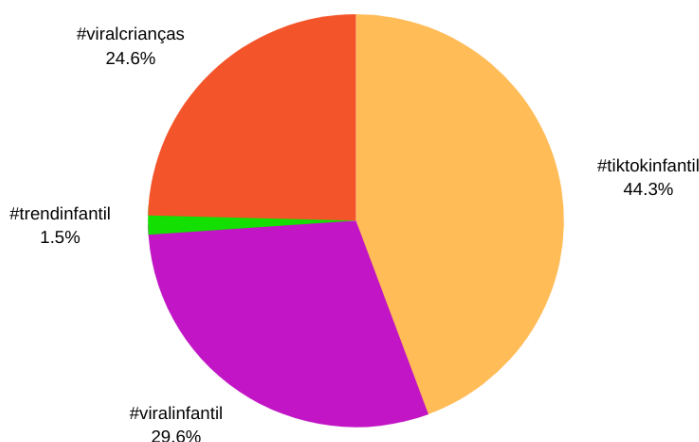
Fonte: as autoras (2023).

Durante a coleta de dados na plataforma, um aspecto preocupante que observamos foi a presença de publicações categorizadas como "sem ligação" com as crianças exibidas nos vídeos. Aproximadamente 35% dos criadores desses conteúdos compartilharam vídeos sem a devida autorização dos responsáveis. Isso foi evidenciado pela ausência de créditos na descrição e pela falta de indicações que sinalizasse o uso legítimo da imagem. Dessa forma, identificamos que, além da mera exposição, a possibilidade de ter seu material divulgado e replicado repetidamente é uma ocorrência bastante comum no TikTok.

Atingimos uma análise prévia dos 47 vídeos coletados mais relevantes, que nos permitiram chegar a resultados gráficos das *hashtags*, categorias dos vídeos e perfil de publicação, como mostrado no gráfico 2.

Gráfico 2 - hashtags pesquisadas dos vídeos no TikTok

Hashtags pesquisadas



Fonte: as autoras (2023).

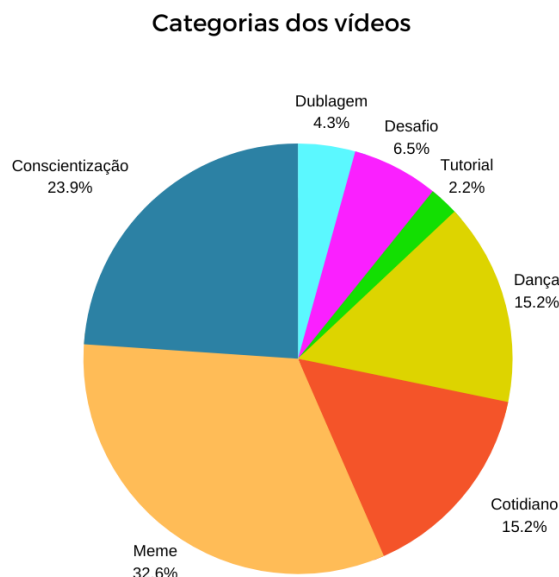
Através do gráfico 2, tivemos a percepção das *hashtags* encontradas dentro da plataforma do TikTok, que colocam em evidência as crianças. Das 04 *hashtags* utilizadas para essa pesquisa, a predominância de vídeos relevantes se deu na *#tiktokinfantil*, que resultou quase 45% dos vídeos coletados. Em contrapartida, a *hashtag #trendinfantil* resultou em apenas 1,5% dos vídeos selecionados, devido a pouca disponibilidade de material relevante postado nela.

Tais *hashtags* são criadas pelos usuários e vão sendo associadas ao conteúdo enquanto são utilizadas nas postagens. As *hashtags* têm um papel fundamental dentro da plataforma de mídia social, ajudando na organização e viabilização dos conteúdos. Uma vez que alguém clica ou pesquisa por uma *hashtag* específica, aparecem todas as postagens marcadas com essa *hashtag*. Isso é particularmente útil para encontrar conteúdo novo e relevante. Desta forma, elas detêm uma capacidade de aumentar a visibilidade, o usuário passa a ter um alcance ampliado ao usar *hashtags* relevantes, que podem aumentar o engajamento nas suas postagens, uma vez que pessoas interessadas no assunto podem interagir com sua postagem, curtindo, comentando ou compartilhando. Como também, facilitam a conexão de interesses sobre o mesmo tópico, fazendo com que possa ter várias comunidades virtuais, onde os usuários se conectem, compartilhem experiências e ideias, e construam relacionamentos virtuais.

Outro parâmetro que utilizamos na análise foi o de categorias de vídeos postados, com a intenção de mapear aquilo que era de interesse dos perfis de

publicação, além de mostrar em qual sentido e/ou conteúdo as crianças estavam sendo submetidas a realizarem. Essas categorias foram por nós denominadas a partir do conteúdo apresentado no vídeo e estão apresentadas no gráfico 3.

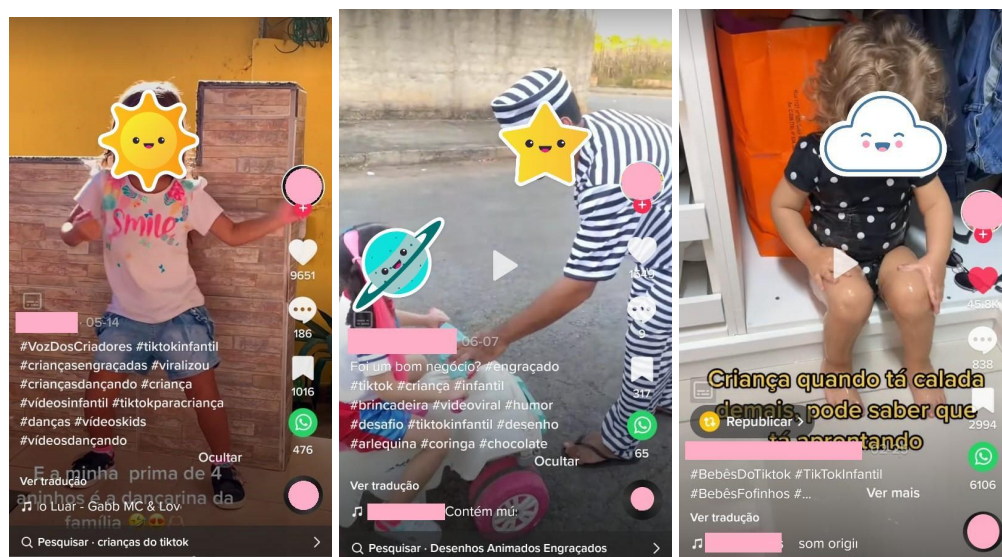
Gráfico 3 - categorias das publicações dos vídeos no TikTok



Fonte: as autoras (2023).

Conforme ilustra o gráfico 3, a *categoria* mais frequente nas análises foi "Meme", abrangendo pouco mais de 30% dos casos, onde os vídeos apresentaram um teor humorístico. Em seguida, com cerca de 15% cada, temos duas categorias: uma que destaca o dia a dia das crianças, seja na escola, em casa com a família ou em eventos; e outra denominada "Dança", que exhibe crianças executando coreografias de músicas populares de artistas como Pedro Sampaio, Anitta e Leo Santana. Alguns exemplos desses vídeos podem ser vistos na figura 3 a, b e c.

Figuras 3a, 3b e 3c - vídeos publicados na plataforma Tik Tok



Fonte: retirado do Tik Tok (2023).

Figura 3a - Vídeo publicado contendo uma criança realizando passos de dança do Tik Tok.

Figura 3b - Vídeo publicado contendo interação entre adulto e criança envolvendo tom humorístico.

Figura 3c - Vídeo publicado contendo a ação de mostrar uma criança realizando ações não supervisionadas pelos pais que podem gerar algum dano.

Além dos dados quantitativos e exemplos mostrados acima, nos propomos a analisar 04 vídeos virais dos 47 coletados, a fim de nos aproximar dos sentidos que são atribuídos às crianças expostas nessa rede. Os vídeos considerados como virais possuem uma característica específica: possuem muitas visualizações e compartilhamentos, podendo ser visto nas *timelines* de muitos usuários que não seguem necessariamente a conta. Os vídeos virais analisados serão descritos a seguir.

O primeiro vídeo considerado viral possui cerca de 30 mil curtidas e mostra uma criança no colo da mãe em um ambiente parecido com um supermercado. Conforme o ECA, se encaixa na categoria de vexatório e constrangedor, pois ao ver um manequim vestido com um roupão, a criança tira inocentemente a parte que mostra os seios da boneca para realizar a ação que ela provavelmente deve fazer com sua mãe que é a de se alimentar (amamentação). Os mais de 600 comentários são de usuários da plataforma com identificação de fotos masculinas, indicando que são homens. Tais comentários mostram uma ação de sexualização do ato que inocentemente aconteceu, mas que através dos comentários realizados, reforçam estereótipos de uma masculinidade principalmente sexista, dizendo que a criança

estava fazendo desde cedo o que era correto, ou seja, ir aos seios de uma mulher.

Figura 4 - Vídeo viral publicado no TikTok e comentários relacionados à postagem



Fonte: retirado do TikTok (2023).

O contexto do vídeo dentro plataforma do TikTok parece abordar a sexualização precoce, esse é um fenômeno preocupante ao expor a criança a um comportamento que demonstra uma situação com conotações sexuais, mesmo antes dela estar preparada para compreender ou lidar com essas questões na idade adequada.

É comum encontrar na mídia a exibição de meninos e meninas cantando e desempenhando cenas com alto teor sexual [...] esses conteúdos são nocivos para o desenvolvimento do público infantil, tanto para aqueles que realizam as cenas, tanto para os que acessam o conteúdo impróprio para uma criança. (Aguiar, Araújo, Niebuhr, 2019, p.8).

Desta forma, tal pressão social advinda de uma sociedade patriarcal e machista, também recai sobre as mídias sociais, padronizando um comportamento que incentiva as crianças a imitarem atos sexuais adultos em suas próprias brincadeiras. Como um todo, os comentários mostram como a nossa cultura incentiva a erotização das crianças, e que para a nossa sociedade isso não parece ser um problema a ser enfrentado.

Assim, os comentários que tratam conotações sexuais no comportamento da criança de maneira normal, mostra como vivemos em um meio social que contribui para o desenvolvimento dos estereótipos de gênero, fazendo com que a criança tenha a necessidade de se encaixar ou de ser visto como " másculo", onde o gênero masculino representa um indivíduo de autoridade cujo poder é transmitido de geração em geração. Tal fato também pode contribuir para que a criança adote comportamentos inadequados para a idade.

Contudo, é válido salientar que quando a criança é exposta corriqueiramente ao desenvolvimento de uma sexualização precoce, acaba criando efeitos negativos em seu desenvolvimento emocional, psicológico e social. “Quando crianças realizam cenas eróticas [...] estão vulneráveis a demasiado dano moral, pois sua integridade psíquica é abalada, existindo um desenvolvimento sexual precoce.” (Aguiar, Araújo, Niebuhr, 2019, p.8) Assim, uma criança pode sofrer danos físicos e prejuízos psicológicos como resultado da sexualização precoce. Além de violar a sua dignidade ao expor sua imagem, também a coloca frequentemente em situações perigosas, podendo prejudicar o desenvolvimento de uma identidade de gênero saudável.

O segundo vídeo viral a ser analisado retrata uma garotinha cantando uma música que ela e seu falecido pai costumavam cantar juntos. Dialogando com o ECA seria Tratamento Desumano. A emoção da criança é palpável, e o contexto sugere que a música traz lembranças dolorosas da perda de seu pai, como podemos ver na figura 5.

Figura 5 - vídeo viral publicado no TikTok e comentários relacionados à postagem



Fonte: retirado do TikTok (2023)

Em relação a esse vídeo, a primeira e mais evidente preocupação é a exposição da vulnerabilidade da criança. Embora possa ter sido compartilhado com boas intenções, ele coloca a criança em uma posição de fragilidade diante de uma vasta audiência. A dor e a tristeza da criança tornam-se um espetáculo para os espectadores, muitos dos quais podem não ter uma conexão pessoal ou genuína com a criança. Com mais de 600 mil visualizações, o vídeo atraiu uma ampla gama de reações. Embora muitos se compadeçam e expressem simpatia, a questão principal é se a criança deveria ter sido exposta dessa forma em primeiro lugar. A compaixão do público, ainda que bem-intencionada por meio dos comentários, não justifica o compartilhamento inicial, visto que essa exposição pública de momentos íntimos e dolorosos pode ter implicações psicológicas a longo prazo para a criança. É importante salientar que, as crianças têm o direito à privacidade e a publicação de vídeos em momentos vulneráveis de choro viola a sua intimidade. Assim, elas podem sentir-se envergonhadas ou magoadas com o compartilhamento de seus momentos de vulnerabilidade, que podem atrair a atenção indesejada de pessoas.

Ela pode se tornar mais consciente ou insegura sobre expressar seus sentimentos, sabendo que esses momentos podem ser compartilhados com um público amplo. Assim como apontado por Oliveira (2021), esses prejuízos podem ser duradouros para a mente das crianças em crescimento. Ao encontrarem fotos e vídeos que não lhes agradam no momento, espalhados por uma vasta audiência

para os usuários, uma vez que passam a testemunhar uma criança sendo ferida ou sofrendo.

No entanto, os comentários encontrados reforçam como uma criança correndo risco de vida não gera nenhum incômodo social, e que uma grande parcela da sociedade não compreende que crianças são pessoas. Tal fato faz com que esses tipos de vídeos com comportamento prejudicial e insensível sejam normalizados, contribuindo para uma sociedade normalize tudo por um "like" e acabe estimulando o conteúdo de crianças sendo maltratadas. Criando assim uma cultura online tóxica, onde não há uma geração de crianças respeitadas.

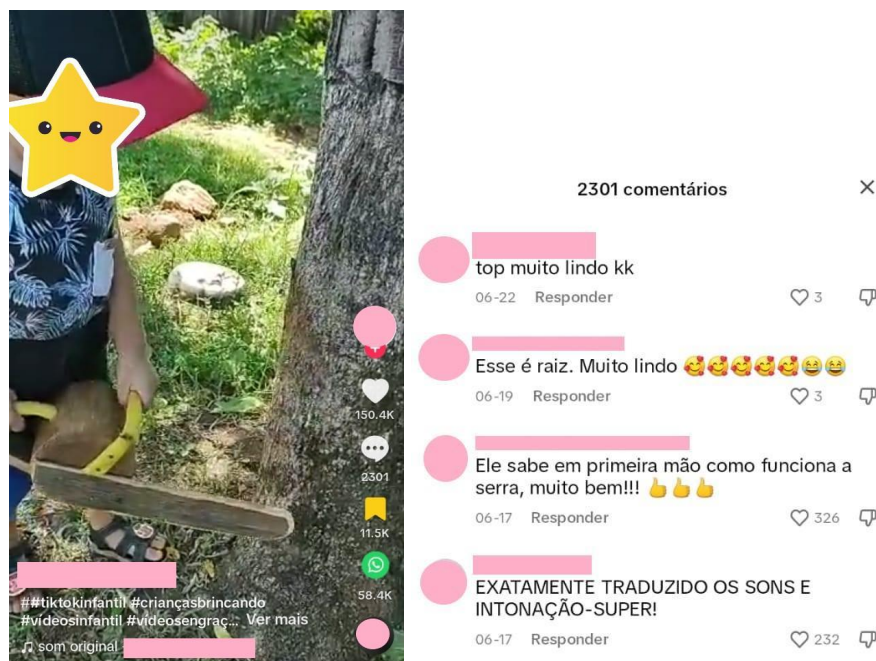
Ademais, a criança pode não ter capacidade para consentir com essa exposição. Mesmo sendo fundamental que obtenham a permissão da mesma informado-a antes de compartilhar qualquer conteúdo relacionado a ela nas mídias sociais, fica evidente que muitas não compreendem suas próprias emoções ou como tal vídeo pode estar violando a sua integridade. Sendo assim, deve ser mantido o direito à privacidade, incluindo sua presença online, para que seja garantido que ela não seja exposta a situações que possam comprometer sua segurança física.

Contudo, vale ressaltar que em casos graves pode existir uma responsabilidade legal para aqueles que compartilham vídeos com conteúdos que violam a integridade física da criança, incluindo acusações de abuso infantil, difamação, entre outros. Por isso, a existência das leis específicas para proteger a privacidade e a segurança das crianças online é fundamental para garantir a integridade física das crianças nas mídias sociais, pois a exposição pública de uma criança que se machuca viola sua privacidade e dignidade, ferindo a garantia do direito a uma infância segura e protegida. Por isso, o seu bem-estar deve ser prioridade máxima em todas as situações.

Já o quarto e último vídeo, que dialogando com o ECA, trata-se de um tratamento violento, a ser analisado dessa sequência de vídeos virais, retrata uma criança manipulando uma serra elétrica confeccionada, onde ela passa a realizar estímulos sonoros e físicos, que representam a máquina na tentativa de cortar a árvore que se encontra à sua frente. Uma representação de algo que ela presencia no seu cotidiano, em um ambiente arborizado, faz com que a criança observe e tenha tendência de imitar uma ação adulta vista como uma espécie de diversão. No entanto, no vídeo (figura 7) se destaca uma exposição precoce da criança a uma

atividade que gera responsabilidade comum para um adulto. Podendo gerar efeitos negativos da adultização sobre a criança, expondo-a a riscos sociais e emocionais.

Figura 7 - vídeo viral publicado no TikTok e comentários relacionados à postagem



Fonte: retirado do TikTok (2023)

O fato de uma criança brincar ou participar cotidianamente de atividades adultas não significa ser algo necessariamente prejudicial, desde que tais atividades sejam moderadas e com uma supervisão apropriada. Porém, é válido destacar que, não somente comportamentos adultos são estimulados, como também os tipos de comportamentos que são passados. No vídeo em destaque, o comportamento é de degradação ambiental, passando para a criança a ideia de que é correto cortar uma árvore.

Esse tipo de comportamento no vídeo é aplaudido e reforçado pelos adultos que consideram uma atitude correta advinda de uma criança. Isso demonstra que tais comentários potencializam o incentivo para a criança agir, se vestir ou se comportar de maneira adulta, algo que difere da sua idade real. Além de não levar em consideração que esse tipo de atividade adulta pode ser perigosa para a criança, visto a existência de riscos físicos.

Um dos comentários traz o estereótipo de uma "criança raiz", envolvendo características de um sujeito mais tradicional, resistente se tornando algo vinculado

a valores conservadores. Rotulando a criança de maneira prejudicial, podendo limitar o seu desenvolvimento pessoal, como também a sua autoestima, desencorajando a criança em vivenciar novas experiências pela pressão de se encaixar a esse estereótipo. Comentários como esse podem gerar uma perda da valorização da sua individualidade como criança.

As crianças precisam de tempo para brincar e explorar atividades que sejam adequadas à sua idade para que possam ter o desenvolvimento da sua infância. Já que, a exposição da criança demasiadamente a atividades de cunho adulto pode ter como consequência a perda de oportunidade de desfrutar a sua infância e entrar em contato com experiências advindas da mesma. Não estamos negando a possibilidade das crianças experimentarem e se colocarem em diferentes papéis sociais para poderem ressignificar as ações e as funções que irão desempenhar no futuro. Todavia, o que ressaltamos é que é interessante dar destaque ao momento em que as crianças se encontram, não focando apenas no futuro ou no adulto que se tornarão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da notável presença de crianças no TikTok em um cenário de revolução digital, torna-se evidente a necessidade de abordar questões fundamentais relativas à exposição, representação e salvaguarda da infância neste novo contexto. A pesquisa evidenciou a vulnerabilidade acentuada das crianças, especialmente quando confrontadas com *feedbacks* baseados em sua aparência ou comportamento, situando-as em um cenário online potencialmente arriscado. Concluimos que quem postou e compartilhou parece ter uma visão da criança como um ser que não tem direitos, como objeto. Pois, as postagens que viralizam não consideram a criança com suas particularidades e emoções, numa exposição excessiva que não se adequa a sua formação. Além disso, os resultados evidenciaram comentários que trazem sentidos negativos das crianças, sendo retratadas como "malcriadas" ou como motivos de "chacota".

Nossos achados corroboram o que foi posto por Lima, Santos e Covaleski (2020), ao afirmarem que ser criança na era digital pode ser desafiador. Além disso, é imperativo reconhecer que as crianças também têm direito à privacidade e ao respeito em sua presença online. Nesse sentido, é de grande importância que seja

considerada a permissão da criança antes de postar fotos ou informações sobre ela nas redes sociais e respeitem suas escolhas e limites em relação à tecnologia.

Portanto, reconhecendo que os papéis e significados atribuídos às crianças variam amplamente de uma sociedade para outra em diferentes grupos e contextos culturais, é fundamental educar as crianças sobre como navegar com segurança na internet, com um monitoramento e orientação das atividades online para garantir que elas tenham uma experiência segura e positiva nas mídias sociais. Por isso, é essencial que a sociedade reconheça e se mobilize frente aos riscos inerentes, buscando estabelecer um espaço digital que seja simultaneamente seguro e propício ao desenvolvimento saudável das crianças.

Apesar das poucas ou quase inexistentes diretrizes do TikTok voltadas para a segurança infantil, a questão da superexposição e da falta de supervisão adequada surge como preocupações centrais. Este estudo destaca que garantir a proteção das crianças no mundo virtual é um compromisso conjunto, que envolve tanto as plataformas digitais quanto os responsáveis e os próprios usuários. A principal restrição deste estudo relaciona-se ao tempo disponível para sua execução, considerando o prazo estabelecido para conclusão. Sendo assim, para pesquisas futuras, recomenda-se ampliar o intervalo de busca e investigar um número maior de hashtags, visando analisar um volume mais extenso de vídeos e, assim, obter uma compreensão mais abrangente da representação infantil na plataforma. Além disso, seria valioso conduzir entrevistas com pais e crianças para aprofundar o entendimento sobre a interação entre infância, responsáveis e tecnologia e buscar compreender o que essas crianças consomem online.

6 REFERÊNCIAS

AGUIAR, Giancarlo de; ARAUJO, Saraina Gonçalves de; NIEBUHR, Miriam Cestari. **A adultização da criança na atualidade face à mídia influenciadora**. Anuário Pesquisa e Extensão Unoesc Videira, 2019.

AGRELA, Lucas. Brasil é segundo país que mais usa TikTok no mundo. **Revista Exame**, 28 set. 2021. Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/brasil-e-segundo-pais-que-mais-usa-tiktok-no-mundo/> >. Acesso em: 05 de maio de 2023.

ARAUJO, Lorena Silvestre. **A erotização infantil induzida pela mídia sob a análise do princípio da proteção integral da criança**. 2016.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011

BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias eletrônicas**. São Paulo: Ed. Loyola, 2007.

Comitê Gestor da Internet no Brasil - CGI.br. Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil: **TIC Kids Online Brasil**, ano 2022: Relatório de coleta de dados.

DORNELLES, Leni Vieira. **Infâncias que nos escapam: da criança na rua à criança cyber**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2005.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman K; LINCOLN, Yvonna S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002. BRASIL.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Ed. Graphia, 1999.

LEVIN, Esteban. **Rumo a uma infância virtual?: a imagem corporal sem corpo**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2007.

KELLY, Kevin. **Inevitável: as 12 Forças Tecnológicas que Mudarão o Nosso Mundo**. Rio de Janeiro: Ed. Alta Books, 2011.

RAVASIO, Marcele; FUHR, Ana Paulo. Infância e tecnologia: aproximações e diálogos. **Revista ETD - Educação Temática Digital**, 15(2), p. 220–229, 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.20396/etd.v15i2.1279>>. Acesso em: 10 de junho de 2023.

MARANGON, Cristiane. Crianças na era digital. **Revista Pátio-Educação Infantil**, Porto Alegre, Ano IX, n. 28, p. 40-43, jul./set. 2011. ISSN 1677-3721.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e Pesquisa Científica**: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos. São Paulo: Atlas, 2005.

MARTINS FILHO, José. **A criança terceirizada: os descaminhos das relações familiares no mundo contemporâneo**. Papirus Editora, 2008.

MUSSO, Pierre. A Filosofia da Rede. In: PARENTE, A. (Org). **Tramas da Rede**: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação. 4a ed. Ed. Sulina, 2015.

OLIVEIRA, Fernanda Monteiro de. **Superposição infantil nas redes sociais: reflexos emocionais na formação mental da criança**. 2021.

OROFINO, Isabel. Recepção, consumo crianças: apontamentos para uma reflexão sobre o conceito de agência na infância. In: ROCHA, Rose de Melo; CASAQUI, Vander. **Estéticas midiáticas e narrativas do consumo**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2012. p.248-267.

PRENSKY, Marc. Digital natives, digital immigrants. In: **On the horizon** – MCB University Press, v. 9, n. 5, p. 1-6, out. 2001.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2009.

STEINBERG, Shirley; KINCHELOE, Joe. **Cultura Infantil: A construção corporativa da infância**. Rio de Janeiro, 2001.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade**. Braga, 2004.

TOMAZ, Renata. Youtubers mirins e as subjetividades infantis contemporâneas. In: FRANÇA, Vera; SIMÕES, Paula; PRADO, Denise. (Org.). **Celebridades no Século XXI, volume 2: diversos perfis, diferentes apelos**. Belo Horizonte: PPGCOM/UFMG, 2020. p. 185-202.

LIMA, Antonia; DOS SANTOS, Débora Maria; COVALESKI, Rogério Luiz. **Seu Filho Está on-line: Segurança Digital de Crianças e Controle Parental no TikTok**. In: 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

